

## LITERATURA E HISTÓRIA: PRODUÇÃO DE SABERES NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM

### LITERATURE AND HISTORY: PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN MILTON HATOUM'S FICTION

Alexandre da Silva Santos (UFAM)<sup>5</sup>

Davi Avelino Leal (UFAM)<sup>6</sup>

#### RESUMO:

O objetivo do presente artigo é realizar algumas considerações acerca da produções de saberes que existem na ficção, analisando as possibilidades de interlocução entre a literatura e a história, tendo como eixo articulador as narrativas de *Dois Irmãos*, do escritor Milton Hatoum e outros textos do mesmo autor. A ideia central é acompanhar através da experiência e da memória do narrador a forma como ele vivencia e percebe a cidade de Manaus num período praticamente silenciado pela historiografia, ao fazê-lo revela-nos um conhecimento acerca da realidade tematizada pelos enredos do escritor amazonense.

Palavras-Chave: Literatura, História, Cidade.

#### ABSTRACT:

The purpose of this article is to make some considerations about the production of knowledge that exists in fiction, analyzing the possibilities of interlocution between literature and history, having as an articulating axis the narratives of *Dois Irmãos*, the writer Milton Hatoum and other texts of the same author. The central idea is to follow through the experience and the memory of the narrator how he lives and perceives the city of Manaus in a period almost silenced by historiography, in doing so reveals a knowledge about the reality thematized by the plots of the Amazon writer.

Keywords: Literature, History, City.

#### Introdução

Considerado pela crítica especializada como um dos mais expressivos escritores da atualidade (SLATER, 2007; ARRIGUCCI JR, 2007; PERRONE MOISÉS, 2007; LIMA, 2007), Milton Hatoum tem impressionado a cada novo livro lançado ao abordar temas como

<sup>5</sup> Mestre em Letras - Estudos Literários. Mestrando em História, ambos os cursos pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

<sup>6</sup> Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia – Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: davileal81@gmail.com

as relações conflituosas no seio da família e o papel da memória para entendimento de alguns processos de construção das sociedades amazônicas ao longo da decadência 1950 até 1970.

Em virtude disso, a problemática para este artigo nasceu de duas preocupações: a primeira está relacionada ao significado que o narrador principal do romance assume para os historiadores que investigam os processos históricos e sujeitos tidos como representantes de uma história vista de baixo, como é a situação de Nae: filho da empregada doméstica Domingas e que vive junto com a mãe como agregado da família. Esta, formada por descendentes de libaneses que moram na cidade de Manaus.

A segunda, refere-se ao período de abrangência da trama narrativa, bem como os processos e acontecimentos inerentes ao contexto, como também ao saber produzido sobre Manaus no período do regime militar. Em outras palavras, Nael representa a fala de sujeitos elididos do discurso oficial, o período de que trata o livro, abrangendo as décadas de 50, 60 e 70 do século XX e que tem sido marcado por um reiterado silêncio.

No caso do romance *Dois Irmãos*, segundo Marcos Frederico Krüger, a narrativa se dá por afluência. Nela, vários narradores se dirigem ao narrador principal, como afluentes de um grande rio (KRUGER, 2002, p. 209). Em outros livros de Milton Haoutum essa característica apontada por Krüger (2002) é premente, como é o caso de *Relato de Um Certo Oriente*, publicado em 1989 pela primeira vez. Nele, é a personagem Emilie e outras mulheres; em *Órfãos do Eldorado*, de 2008, é Dinorah, índia do Rio Negro.

Sendo assim, através da ficção de Houtum podemos mergulhar em saberes que permitem uma leitura de alguns constituintes culturais e sociais do período de 60 e 70 e que são capazes de expressar a realidade, conforme nos orienta Antonio Celso Ferreira. Nesse sentido, “toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias e desejos, explorando e inventando forma de linguagem” (FERREIRA, 2009, p. 67).

Todas essas questões revelam muito da história da cidade durante esses anos que se estendem da década de 1940 e adentram a década de 1970. Diante disso, entendemos a memórias dos sujeitos envolvidos nas tramas de Houtum como uma produção de saber dos processos de vivência de uma época. E enquanto narrativa ficcional, refere-se à subjetividade dos personagens e experiência do narrador Nael, caso de *Dois irmãos*, a partir de histórias narradas e colhidas pela memória e experiências de outras pessoas. Afinal, o que ele nos conta advém do que viu e ouviu. Escutou atentamente de sua mãe Domingas, recebeu histórias de

Halim, dono da casa em que moravam no cômodo aos fundos, e de Zana, mãe de gêmeos Yaqub e Omar.

Logo, em Nael a memória funda a possibilidade de configuração da própria experiência, na medida em que há uma desnaturalização dos acontecimentos. Fatos e processos são filtrados pela trajetória do narrador e se apresentam como uma anamnese, ou seja, como memória em movimento (FERREIRA, 2007, p. 250).

Sendo assim, o trecho principal dessa ficção está relacionada aos conflitos envolvendo uma família de imigrantes libaneses na cidade de Manaus nas décadas de 40, 50 e 60. A tensa relação entre dois irmãos gêmeos – Omar (chamado de caçula) e Yaqub funciona como fio condutor da narrativa. Os membros da família, Halim, o pai dos gêmeos, Zana, a mãe, e Rania a irmã, vivem o drama que cinge as relações de parentesco.

Como membros agregados da família estão Domingas e Nael. Ela como empregada doméstica que foi pega para ser criada ainda pequena e o seu filho Nael, fruto da relação entre Domingas e um dos irmãos.

Desse modo, as fronteiras a serem observadas neste estudo percorrem as observações acadêmicas já realizadas entre história e literatura, como fomento do espaço de debate e reflexões acerca dos locais citados. Em relação a essas observações, as que serão verificadas iniciam-se a partir de Gabriela de Lima Grecco, em *História e Literatura: entre narrativas literárias e histórias, análises do conceito de representação*, de 2015, haja vista a teórica entender que o texto literário também é uma fonte histórica, porque “(...) é visto como um bom observatório das representações de uma determinada sociedade e época.” (GRECCO, 2015, p.122).

Logo, escritores e obras realizadas são produtos de contextos e espaços culturais e sociais específicos. Desse modo, as práticas discursivas de um texto de natureza ficcional podem revelar-nos pistas de uma complexa rede de interações de uma sociedade e fazer representações da existência.

### **Os procedimentos metodológicos**

O presente estudo é parte integrante de uma pesquisa de cunho bibliográfico que possui a finalidade de contribuir e expandir os estudos relacionados ao papel da ficção enquanto lugar de historicidade e revelando saberes de natureza cultural, social e política,

pautados em um diálogo interdisciplinar entre a Literatura e a História, como também elucidar vias de possibilidades para o exercício da crítica literária no campo histórico.

Deste modo, está organizado da seguinte maneira: leitura e fichamentos de leituras de natureza literária, da produção histórica e de teóricos que discorrem sobre Literatura e a História, e História na Literatura, como também em autores da Literatura produzida no Amazonas e da Teoria da Literatura.

Por sua vez, as coletas de informações que essas leituras promoveram possibilitaram a construção deste estudo e visa expor no meio acadêmico as variadas formas de como as narrativas em espaços amazônicos se constituem como prática e produção de saberes da região, agregando valores culturais, sociais, históricos e políticos; realizando dessa maneira uma representação histórica e social pelo ato narrativo.

Em outras palavras, o tema desenvolvido ampara-se em Antônio Celso Ferreira, em *Literatura: a fonte fecunda*, Leyla Perrone-Moisés em *A Cidade Flutuante*, além dos livros de Milton Haoutum intitulados: *Dois irmãos*, publicado pela primeira vez em 2000, *Cinzas do Norte*, de 2005 e, *Relatos de um certo Oriente*, de 1989; como também, a leitura de outros autores que discutem temas parecidos ao proposto neste estudo ou pertencentes a esse universo temático, principalmente no tocante diálogo interdisciplinar existente entre a literatura e a história.

## **Discussão**

O romance *Dois irmãos* inicia o enredo por volta de 1945 e já nas primeiras páginas temos uma descrição das condições da cidade de Manaus em meio ao conflito mundial. Halim foi receber o filho Yaqub no Rio de Janeiro, pois este acabara de chegar do Líbano. Na primeira conversa, o pai comenta sobre o estado de penúria na capital amazonense. Segundo ele: “a penúria e a fome nos anos de guerra” (HATOUM, 2000, p. 14). Aqui emerge um dos elementos importante da narrativa: a produção de um saber sobre a cidade que expõe um traço da realidade da capital amazonense após a derrocada da economia da borracha, temporalidade esta marcada por práticas de outras atividade econômicas que não chegaram a possuir o protagonismo no mercado internacional como a atividade gomífera, algo que mudaria durante

a década de 1960 com a implementação do projeto de desenvolvimento da Amazônia, no decorrer do Regime Militar<sup>7</sup>.

As páginas seguintes do romance narram o retorno de Yaqub. A descrição rica e detalhada revela a vivência típica de quem mora em Manaus. De acordo com o relato podemos perceber,

no caminho do aeroporto para casa, Yaqub reconheceu um pedaço da infância em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados à margem dos igarapés por ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha (HATOUM, 2000, p.16).

A lembrança da cidade da infância emerge com violência da memória de Yaqub, ele que foi mandando quando tinha treze anos para o Líbano por volta de 1938. Em obediência ao pedido de Zana, apenas Yaqub foi apartado do seio familiar. Muito daquela cidade que permanecia viva no recém chegado e ainda podia ser vista por ele assim, como o trecho a seguir demonstra: “os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o carroiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam as cestas cheias de frutas” (HATOUM, 2000, p.17). Ao perceber que neste reencontro há uma produção de saber sobre a cidade emergente, é viável ressaltar que os poucos trabalhos no campo da história e da literatura sobre o período destacam os momentos de dificuldade pelos quais Manaus estava passando, um dos exemplos ocorre nos livros do gênero de memórias, como os do Tiago de Melo: *Manaus, amor e memória* (1984) e de Jeferson Peres: *Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei* (2002). Todos eles se preocupam em dizer que mesmo diante de certas dificuldades financeiras as relações sociais eram construídas a partir de laços de amizade e companheirismo, algo presente no passado histórico do enredo de *Dois irmãos*.

É neste período e nesta cidade onde os personagens do romance passeiam, namoram, brigam, divertem-se. Como o trecho a seguir expõe: “quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus” (HATOUM, 2000, p.19) e as pessoas adentravam a noite cantando e dançando. Foi num desses bailes, ainda antes da viagem para o Líbano, que Yaqub se aproximou de sua futura esposa Livia, por exemplo.

<sup>7</sup> Para aprofundar a questão, ver: BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Manaus: Editora Valer; EDUA; Editora INPN, 2007. ARAÚJO, André Vidal de. *Introdução à Sociologia da Amazônia*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2003.

Voltando ao romance, a volta de Yaqub do Líbano faz pulular em sua memória uma série de vivências ordinárias que haviam ficado obliteradas por alguns anos. Após o primeiro dia de reencontro com os seus, Yaqub, ao cair da tarde, encosta no parapeito da casa volta a observar a cidade e

[...] olhava os passantes que subiam e desciam a rua dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de ferro, na calçada cadeira em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas; tocos de velas iluminavam as noites da cidade sem luz. (HATOUM, 2000, p. 22).

Essa experiência da cidade sem luz durante os anos de guerra é recorrente nos memorialistas que retratam o período. Autores como Peres (2002) e Melo (1994) lembram-se de uma Manaus da década de 1950 e nela a falta de energia elétrica, sendo que apenas algumas casas, as dos políticos mais influentes, a possuíam durante a noite.

As condições de vida na cidade era tema de conversa entre Hana e Domingas. Falavam sobre o custo de vida, sobre os bairros pobres amontoados de trabalhadores, antigos seringueiros que com a crise da borracha haviam abandonado as freguesias em busca de melhores condições na cidade.

Tudo isso é contado por Nael. Ele escuta, ouve de outros e às vezes arranca alguns minutos de confissão. Algumas coisas ele também presenciou, no entanto, grande parte do que ele nos narra é fruto do que Halim, Zana e principalmente Domingas lhe contava. Em determinado ponto do texto Nael diz: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora daquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final” (HATOUM, 2000, p.29).

Ainda sobre a cidade, que mesmo às escuras mantinha viva as atividades festivas, recreativas e esportivas. Para quem gostasse de espaços mais alternativos, como os povoado de vidas consideradas infames pelo poder público, onde bêbados, prostitutas, cafetinas e viciados se multiplicavam, havia os salões da Maloca na rua dos Barés, do Acapulco, do Ckeik Club e do Sangri-lá.

Outro aspecto dessa cidade que entrou como ponto para reflexão de historiadores e críticos da literatura é a singular experiência da cidade flutuante, iluminada à luz de vela e candeeiro, palco de vida pulsante, de muitos conflitos e tantas esperanças. Consoante Hatoum,

a cidade flutuante era “lugar de gente humilde: catraieiros à espera da primeira travessia, carregadores seminus, garapeiros e vendedores de frutas que armavam tendinha de lona” (HATOUM, 2000, P.175).

No romance de Hatoum as vivências populares são densamente relatadas a partir dos encontros em botecos nessa cidade sobre as águas. A imagem da cidade labirinto, com suas ruas construídas de pontes de madeira suspensas, as inúmeras entradas, os muitos becos e a extensa rede de comércio que sustentava não apenas as casas sobre as águas, mas a própria cidade de Manaus. Nael fala de suas conversas com Halim e as visitas a cidade flutuante que fazia aos domingos,

Ele [Halim] me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoroço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formavam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha, se não fossem equilibristas, cairiam no Rio Negro. Um ou outro sumia na escuridão do rio e virava notícia (HATOUM, 2000, p. 120).

Uma parte importante da vida econômica da cidade de Manaus passava por essas cidade sustentava por troncos e palafitas. Marco Antonio Queiroz apontam a presença de pequenas fábricas de gelo dando suporte para um intenso comercio de compra e venda de produtos vindos dos arredores de Manaus (QUEIROZ, 2001).

No entanto, o projeto de desenvolvimento do governo militar e inserido numa longa proposta de modernização autoritária que se arrastava desde o século XIX, propunha o desmantelamento da cidade flutuante<sup>8</sup>. Para as autoridades militares, a construção de uma área de livre comércio em Manaus e a posterior implantação de um parque industrial demandaria uma reforma na imagem da cidade que passava necessariamente pela retirada de casas que, segundo o discurso oficial, traziam um tom desagradável para o turista comprador.

Esse processo de destruição não escapou a percepção de Hatoum, pois este relata, através do narrador, a presença de militares por todos os cantos da cidade, quando afirma que “ a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante

<sup>8</sup> Ver SOUZA, Leno José Barata. *Cidade Flutuante: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2010.

estava cercada por militares [...] até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados” (HATOUM, 2000, p. 196).

Desde o final do século XIX que os projetos de modernização do centro da cidade de Manaus são pensados como formas de exclusão e deslocamento dos chamados indesejáveis da área de maior visibilidade da cidade. Porém, isso não quer dizer que as pessoas acatam passivamente a decisão oficial.

A destruição violenta da Cidade Flutuante, passando por cima de memórias e vivências de pessoas que possuíam uma íntima relação com aquele espaço social foi sentida com dor e tristeza pelos moradores. A fala de Nael é reveladora desse processo

Estava (Halim) ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascates. Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas. Erguia a bengala e soltava uns palavrões, gritava ‘por que estão fazendo isso? Não vamos deixar, não vamos’, mas os policiais impediam a entrada no bairro. Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto, A Sereia do Rio”, serem desmantelados a golpes de machado. Chorou muito enquanto arrancavam os tabiques, cortavam as amarras dos troncos flutuantes, golpeavam brutalmente os finos pilares de madeira. Os telhados desabavam, caibros e ripas caíram na água e se distanciavam na margem do rio Negro. Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos flutuando, até serem engolidos pela noite (HATOUM, 2000, p. 211).

No caso da Cidade Flutuante, apenas os comerciantes mais abastados foram indenizados e nem todas as famílias conseguiram uma moradia nos bairros próximos ao centro. No início da década de 1960 eram mais de 12 mil pessoas vivendo em aproximadamente 2 mil casas (SOUZA, 2010, p. 15). Refiro-me aos bairros do Crespo, Raiz, Japim, Betânia e tantos outros situados na Zona Centro Sul da cidade de Manaus.

Paralelo a isso, emerge nas passagens que se situam em algumas experiências que vieram a tona na passagem dos anos 50 para os 60, já inseridos no regime militar, um outro saber relacionado à cidade manauara, algumas das práticas sociais da região.

Trata-se da experiência de adoção de crianças indígenas que deixam suas comunidades de origem para vir estudar em espaços urbanos, como Manaus; e que acabam sendo tratados com empregadas domésticas ou terminam passando anos em instituições de ensino. Uma vez

nesse contexto e se livrando dele após alguns anos, precisam confrontar-se com as suas próprias memórias e tentar apagar a experiência anterior.

Este tema que aparece em *Dois Irmãos*, mas que depois é novamente explorado em *Órfãos dos Eldorado*, reflete um constituinte da história regional. Um pouco de vivência na região percebe que esta prática perversa está enraizada nas relações sociais, principalmente entre famílias abastadas da região.

É o caso emblemático de Domingas. Índia do rio Negro que foi oferecida ao casal Zana e Halim por uma freira, Irmãzinha de Jesus que entregou a cunhantã já batizada e alfabetizada. Domingas “cresceu nos fundos da casa, havia chegado com a cabeça cheia de piolhos e reza cristã” como lembrou Halim (HATOUM, 2000, p.64).

A empregada de origem indígena, aspecto presente até hoje na sociedade amazonense, havia passado alguns anos no orfanato para freiras, característica também recorrente na história da região em que crianças são retiradas do seio de sua aldeia, de suas famílias e são trazidas à Manaus, ou mesmo ficam em São Gabriel da Cachoeira, à quilômetros de distância de suas comunidades para serem educadas de forma a negar, terem vergonha da própria cultura indígena; e depois de pacificadas tornariam-se domésticas, catequisadas e servirem como mão de obra barata nas casas de famílias ricas da capital.

De acordo com Alba Pessoa em reveladora pesquisa sobre o papel das instituições de tutela da cidade de Manaus, os espaços de educandários, bem como o juízo de órfãos funcionavam como ponte entre a infância e a exploração pelo trabalho (PESSOA, 2010, p.91).

Voltando à narrativa, Domingas chegou ao orfanato depois da morte do pai, assassinato enquanto trabalha no piaçabal. Na casa das irmãs presenciou cenas de violência física e simbólica;

as noites que dormiu no orfanato, as orações que tinha que decorar, e ai de quem se esquecesse de uma reza, do nome de uma santa. Uns dois anos ali, aprendendo a ler e escrever, rezando de manhãzinha e ao anoitecer, limpando os banheiros e refeitórios, costurando e bordando paras as quermesses das missões. (HATOUM, 2000, p.75).

Domingas era uma agregada, considerada como *quase da família*, e esse *quase* revela toda a violência e humilhação vivida por pessoas que estão à margem, que sendo *quase da família* moram nos fundos da casa e são tratadas como sombra servil. A experiência dela é narrada pelo filho Nael e que ouvira da mãe quando esta comentava o nascimento dos

gêmeos. A mãe do rapaz tinha de ajudar Zana com um dos meninos, como nos revela o trecho abaixo:

[...] a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, ‘louca pra ser livre’ como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos das casas, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. (HATOUM, 2000, p.74).

Nesse contexto, há uma passagem reveladora narrada por Nael quando ele e sua mãe vão passear na comunidade do Acajutuba no baixo rio Negro. O passeio no fundo representa uma viagem da volta, no sentido em que as lembranças dos acontecimentos ligados à separação da família, a morte do pai, o nome dos lugares, dos pássaros e cantos remetem a experiência do povoado de São João na margem do Jatuarana. O forte apego ao lugar e a dramática experiência de separação emergem da fala de Domingas quando ela diz: “ ‘o meu lugar’ , não queria sair de São João, não queria se afastar do pai e do irmão, ajudava as mulheres da vila a ralar mandioca e a fazer farinha, cuidava do irmão menor enquanto pai trabalhava na roça” (HATOUM, 2000, p. 74).

A mãe de Domingas havia nascido em Santa Isabel e gostava das noites dançantes da festa do ajuri, já o pai, trabalhava no corte da piaçaba e na coleta da castanha. Todas essas passagens estão carregadas de historicidade, pois revelam não só a dinâmica das aldeias e povoados indígenas, como também mostram as formas como essas populações do rio Negro foram exploradas através do uso compulsório da força de trabalho aplicado na extração da piaçaba, tradicionalmente realizada no rio Negro e na coleta da castanha.

Entre o cuidado com os gêmeos e a ordens de Zana, Domingas quebrava o silêncio e cantava em Nheengatu, língua geral amazônica resultante da fusão entre o português e o tupi. Outra atividade que lhe dava prazer era esculpir bichinhos em madeira muirapiranga, pássaros e serpentes que aprendera a fazer com seu pai ainda criança.

A trajetória de Domingas representa a história de inúmeras crianças que são retiradas à força de seus pais e são trazidas para cidade para trabalharem em casa de família. Mais do que isso, é a história de pessoas que, ao chegar à cidade, vão trabalhar nos serviços de coleta de lixo, morar nos bairros carentes resultantes de ocupações populares sem a mínima infraestrutura e bem distante do centro da cidade. O próprio autor afirma que a construção da

personagem se deu por uma adesão afetiva a pessoas que são desgarradas de seus povoados e que moravam e trabalhavam em Manaus (HATOUM, 2005, p. 84).

Em um outro momento, numa tarde de domingo, Nael e sua mãe saem para passear na Matriz, localizado no centro da cidade, e as relações expostas acima emergem na voz de Nael: “Sentados na escadaria da igreja, índios e migrantes do interior do Amazonas esmolavam. Domingas trocou palavras com uma índia e não entendi conversa” (HATOUM, 2000, p. 240).

Na realidade, os povos indígenas sempre estiveram presentes na história da cidade de Manaus, silenciaram em alguns momentos, foram silenciados em muitos outros e ficaram invisibilizados por décadas na história da cidade.

Como dito inicialmente, um dos temas tratados no romance está relacionado ao período da ditadura militar no Amazonas. Quase trinta anos após o fim do regime, pouquíssimos autores, quase sempre vinculado a crônica jornalística escreveram sobre o tema.

O silêncio foi quebrado recentemente com as discussões sobre a construção da Comissão da Verdade e o grupo de apoio local. Professores ligados a Universidade Federal do Amazonas, ativistas e defensores dos direitos indígenas, jornalistas e advogados participaram das duas reuniões para a composição do comitê local que teve como objetivo contribuir com as investigações.

Nesse contexto, a forma como o escritor Milton Hatoum explora o tema ganha relevância, pois contribui para uma perspectiva crítica para a compreensão do período histórico a partir da narrativa literária.

Retornando ao romance, o tema da ditadura é posto a partir da perseguição das atividades desenvolvidas pelo professor de francês Antenor Laval. Ainda no início de abril de 1964, professores e estudantes do Liceu Rui Barbosa, conhecido popularmente como “galinheiro dos vândalos” reuniram-se para protestar na praça das Acácias em frente ao bar mocambo. Foi neste ato que o professor foi levado pelo exército para não mais aparecer.

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, mas mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça[...] Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do café mocambo foram fechadas (HATOUM, 2000, p. 191).

A lembrança desse acontecimento marcou a trajetória de Nael. Logo após o desaparecimento do mestre, os alunos reuniram-se para homenagear o professor com um minuto de silêncios e depois fizeram, em voz alta, a leitura de poemas. O rebelde Omar, inconformado e emocionado, leu o último poema em tributo ao docente e amigo.

Os dois, Omar e Laval costumavam frequentar juntos os puteiros do baixo meretrício da cidade de Manaus, principalmente os situados da rua Frei José dos Inocentes, centro velho da cidade. Na verdade, a morte do professor calou fundo em Omar, pois nunca mais ele foi o mesmo após o desaparecimento do mestre/amigo.

Antenor Laval representa a vida de muitos professores ex-militantes que tinham uma trajetória inicial marcada pelo engajamento político em grupo de esquerda e que chegava a certa fase da vida amargurado, com poucas esperanças, as vezes longe das pessoas e próximo dos livros e do álcool. No momento em que estoura o golpe civil-militar o antigo militante é silenciado.

O fato era que a cidade toda estava sitiada, nomes e livros eram proibidos de circular e todos percebiam o movimento de tropas nas ruas do centro. Como nos diz Nael no trecho abaixo:

[...] as escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da marinha patrulhavam a baía do rio Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rania teve que fechar as porta porque uma greve dos portuários terminara num confronto com o Exército (HATOUM, 2000, p.198).

Na ficção de Milton Hatoum, o espaço do porto e seus trabalhadores são constituídos *locus* de resistência. Nael observava tudo aquilo nauseado “os soldados gritavam, davam vivas, uma barulheira de vozes e buzinas alarmou a praça da Matriz. Era um comboio de caminhões que vinha da praça General Osório e ia na direção do Rodoway” (HATOUM, 2000, p.1999).

Consoante Leila Perrone-Moisé, o romance de Milton Hatoum questiona através da voz do narrador Nael, o mito do progresso e do desenvolvimentismo excludente, denuncia a ocupação da cidade feita pelos militares, esses “monstros verdes” mais assustador do que a floresta e revela toda repressão e violência do vivida durante os anos de recrudescimento do regime (PERRONE-MOISÉ, 2007, p.286).

Logo, a narrativa ficcional do escritor Milton Hatoum está densamente carregada de História. Nesse sentido, podem-se recuperar sujeitos e processos que ainda permanecem silenciados pelo discurso oficial e até mesmo pelo discurso acadêmico mais progressista.

Diante disso, a fecundidade dos livros de Milton Hatoum carregam uma riqueza literária enquanto forma, como também possuem uma densidade de conteúdo e permitem um diálogo fecundo entre a Literatura, a História e a Antropologia.

### **Considerações**

Um estudo desenvolvido em diálogo interdisciplinar deve possuir a compreensão de que esse recurso auxilia no entendimento da organização e estrutura da realidade que o texto literário encerra, tanto na sua respectiva natureza ficcional, quanto nas informações extratextuais que ele utiliza para constituir aquele pacto entre leitor e leitura.

Em outras palavras, para que a nossa análise e reflexão pudesse ser realizada em âmbito de diálogo com o texto literário, foi o mesmo entendido como fonte de conhecimento. Essa dimensão foi assumida por entender a historicidade enunciada e presente na narrativa. Tudo isso para que pudéssemos tomar o tecido textual da literatura como uma das orientações para realizar a mediação entre os saberes que são produzidos e muitos nos revelam sobre o espaço amazônico, em específico, a cidade de Manaus do período da década de 1960 e 1970.

Após isso, o tecido textual se revelou em variantes interpretações, possibilitando leituras de um tempo religioso, histórico, simbólico, mental, cultural, social dos objetos de estudos. Desse modo, o estudo em questão visa contribuir através de uma investigação literária, uma leitura a respeito de um traço da ficção de Milton Haoutum e a sua respectiva compreensão sobre uma região que ainda é entendida a partir de algumas marcas de marginalização social estabelecida por parâmetros de práticas culturais e sociais que passam uma visão distorcida sobre as particularidades desse território, ajudando a construir uma imagem desse lugar.

Nesse ínterim, quando a literatura tematiza alguns aspectos da realidade, ela ultrapassa sempre as questões clássicas dos historiadores e leva-nos um sistema de indagações, porque ele produz um saber sobre os traços expostos na sua ficção.

Com efeito, podemos entender ao mesmo tempo que a História se confunde e se opõe à ficção. Por sua vez, a literatura é uma fonte histórica enquanto materialidade de práticas de representação de uma realidade. Assim, para compreender o literário, deve-se entender as

razões da produção, as modalidades das realizações da ficção, e as formas de apropriação do passado. Ao fazê-lo produzimos saberes sobre aquele tema ou a respeito do universo em que ele está inserido.

Em outras palavras, entendendo a literatura neste diálogo interdisciplinar com a história, é viável afirmar que ela é o observatório das representações de uma sociedade em um específico tempo. Sendo ela esse atributo, a história é o seu complemento. Isto é, enquanto a primeira observa as temporalidades neste contexto apresentado, a segunda (história) interpreta a ampulheta do tempo.

### Referências

ARRIGUCCI JR, Davi. *Relato de um certo Oriente*. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro. (org.) *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. 1ª ed. Manaus: Ed. Edua, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Das águas da memória aos romances de Milton Hatoum – evocação e transferência de culturas*. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro. (org.) *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. 1ª ed. Manaus: Ed. Edua, 2007.

FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura: a fonte fecunda*. In: PINSKI, Carla, DE LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

GRECCO, Gabriela de Lima. *História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação*. *Revista Historiador*. n.7 ano.7 jan. 2015.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia*. In: *Raízes da Amazônia*. Ano I – V. I, n. I. Manaus: Instituto de Pesquisas da Amazônia, 2005.

KRUGER, Marcos Frederico. *O mito de origem em Dois Irmãos*. In: *Intertextos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia*. N. 03 – jan. 2001-dez 2002. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

LIMA, Luis Costa. *A ilha Flutuante*. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro. (org.) *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. 1ª ed. Manaus: Ed. Edua, 2007.

MELLO, Thiago. *Manaus: amor e memória*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. *A Cidade Flutuante*. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro. (org.) *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. 1ª ed. Manaus: Ed.. Edua, 2007.

PESSOA, Alba Barbosa. *Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus (1890-1920)*. Manaus, 2010. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas).

QUEIROZ, Marcos Antonio de. *Segregando a Pobreza: o desmantelamento da Cidade Flutuante (1965-1966)*. Projeto de Iniciação Científica, CNPq/UFAM. Manaus: 2001.

SLATER, Candece. *Resenha de Dois Irmãos*. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro. (org.) *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. 1ª ed. Manaus: Ed.. Edua, 2007.

SOUZA, Leno José Barata. “*Cidade Flutuante*”: uma Manaus sobre as águas. São Paulo, 2010. (Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica).